



candidatura

Notório saber em artes ofícios e cosmologias tradicionais - UNILAB

Raimundo Carlos da Silva - Pajé Barbosa

O Terreiro do Pajé Barbosa: casa de ciência

Alexandre Hermes Oliveira Assunção

Natal-RN
2022

“Uma educação em antropologia, portanto, faz mais do que nos prover conhecimento sobre o mundo – sobre pessoas e suas sociedades. Ela antes educa nossa percepção do mundo e abre os nossos olhos e mentes para outras possibilidades de ser”. (INGOLD, 2015, p.470)

“Quando faço dançar meus xapiri, às vezes os brancos me dizem: "Não se vê nada! Só se vê você cantando sozinho! Onde é que estão seus espíritos?" Davi Kopenawa

Passei muito tempo tentando descrever as várias vidas do Pai Barbosa. Como estudante de antropologia e como documentarista. Pai Barbosa sua benção! Assim ele é saudado pelos que frequentam sua casa. Quando cheguei para retomada pedreira encantada Pitaguary em 2013 na aldeia monguba, Pacatuba - CE. Ele era aos meus olhos um grande líder no centro das rodas de Toré daquele movimento de resistência¹. Ao longo de quase uma década, a imagem desse homem foi se fabulando em muitas outras, tantas outras possíveis que até hoje me surpreendem. Orgulho de seus filhos e filhas de santo, hoje além de me apresentar como pesquisadores, sou antropólogo aprendiz e continuo a pesquisar sua casa em 2022. Uma década depois e muitos conhecimentos adquiridos em seu terreiro, nesse documento ensaio procuro demonstrar a importância do que seria um reconhecimento, por parte das instituições públicas, dos serviços prestados pelo pajé Barbosa à sociedade civil e acadêmica através da ideia de que ali nos seus terreiros e por onde ele caminha produz um espaço de aprendizado e conhecimento. Característica dos grandes mestres e mestras dos saberes tradicionais.

Pajé Barbosa é uma referência não só em sua aldeia e para os que têm acesso ao seu terreiro e aos seus cuidados, aconselhamentos e curas. Por onde tem passado, nas aldeias, movimentos, eventos, terreiros seus saberes são reconhecidos e isso pode ser comprovado em seu histórico e em outros documentos anexos a esta por seus parentes e organizações dos movimentos indígenas a nível nacional. Pajé Barbosa é responsável por guardar, criar e transmitir saberes de seus ancestrais, contribuindo para a continuidade das artes, ofícios e cosmologias tradicionais dos povos indígenas e comunidades terreiro no Ceará. Pajé do seu povo desde 1999 e Pai de santo de seu terreiro a mais de três décadas ele vem elaborando e refinando esses saberes nesse duplo movimento de repassar seus conhecimentos e formando novas lideranças, que frequentam sua casa em busca de seus muitos saberes através das práticas espirituais e cosmopolíticas.

Palavras chaves: saberes; Terreiro; conhecimento sensorial; Pitaguary.

¹ <https://www.expo.ifch.unicamp.br/portal/premiomarizacorrea/94>
https://www.academia.edu/48874040/A_RETOMADA_DAS_IMAGENS_PITAGUARY

Mestres e Mestras na UNILAB uma proposta em andamento.²

No dia 03 de Setembro de 2020, última quinta-feira foi dado início de fato o curso e a série de seminários, que tem como objetivo discutir e dar visibilidade a proposta de inclusão ao quadro de docentes da UNILAB os Mestres e Mestras, detentores de saberes tradicionais. Com a perspectiva de que esses saberes venham a complementar a formação de nossos estudantes. O encontro de saberes projeto que possui uma década e teve seu início na UNB pelo Instituto nacional de ciências e tecnologia de inclusão no ensino superior e na pesquisa. Na pessoa do professor prof. José Jorge de Carvalho palestrante que inaugurou o curso e mentor do projeto na Universidade de Brasília nos agraciou com uma animadora fala sobre os saberes e suas funções pluri epistêmicas.

“A proposta parte do princípio de que os saberes tradicionais são referências de conhecimentos tão complexos e densos quanto os conhecimentos modernos cultivados na academia; e do reconhecimento de que os mestres das tradições são aptos a ocupar o lugar de professores e pesquisadores nos ambientes de ensino e pesquisa pelo notório saber acerca de áreas dos conhecimentos tradicionais convergentes com os conhecimentos acadêmicos, sob perspectiva de descolonização da universidade com a ampliação das epistemologias e pedagogias possíveis.” (CARVALHO: 2019)

Essa invenção singular, nas palavras do professor Jorge, um trabalho que reuniu estudantes, mestre (a)s e professores, juntos para uma segunda intenção pedagógica apostou na pluralidade epistêmica. A universidade que a partir daquele momento trouxe para seus quadros esses professores mestre(a)s tendo seus conhecimentos reconhecidos começam a assumir as funções como outros professores regulares e extraordinariamente já fizeram coorientação de trabalhos, participaram de bancas de defesa e recentemente não medem esforços para ter suas publicações em circulação no meio acadêmico.

Nosso convidado de honra expos os números do projeto, que tem inserido nas universidades Brasileiras esses mestre(a)s. tiveram até hoje indígenas, representantes da cultura Afro, Brincantes, Rezadeiras, Capitães, Parteiras, pajés ...

² Texto produzido durante a disciplina mestres e mestras da cultural na UNILAB, 2020. Nesse momento estava como aluno do curso de Antropologia e pude acompanhar o debate.

com o gradiente de que nessa cobertura plural de agentes dos mais variados lugares e territórios, muitos ministraram suas aulas em diferentes línguas. Foi ressaltado, que relativo a iniciativa do projeto, foi demandada da rede de culturas populares. Outro ponto importante e muito significativo para mim pessoalmente, é a reintrodução da componente espiritualidade que esses mestre(a)s trazem consigo, principalmente por que sabemos que na maioria desses casos são práticas espirituais silenciadas e que necessitam de maior compreensão por parte da comunidade acadêmica e em geral da população. Essas espiritualidades são modos de estar no mundo, filosofias de vida que não se equivalem a ideia de uma religiosidade e que se diferenciam muito das visões impostas pelo pensamento colonial.

Esse universo poliglota, pluriepistêmico, interdisciplinar necessita de ser mapeado segundo o professor Jorge, só com as mandalas e equipes multidisciplinares poderemos fazer uma tradução desses saberes para um memorial no sentido tradicional e poderemos de fato dar início a essa inclusão aqui em nosso campus. Com a proposta de titulá-los como doutores, acomodar conhecimento e sabedoria ao dualismo epistêmico ocidental.

Pensar, sentir, fazer, intuir tudo atravessa o corpo. detentora)s: da medicina, arquitetura, botânica, zoologia, pedagogia, pedagogia, ambientalistas, psicologia, historiadores e exímio narradores que nunca deixaram de construir e reconstruir suas memórias pautadas por seus territórios e seus ancestrais.

Esse saber vivo está chegando à porta da UNILAB, devemos nos preparar para recebê-los, eles estão preparados como disse o professor Jorge, mestre(a)s da oralidade, presentificados de corpo e espiritual onde quer que estejam. Com certeza esses seminários são a primeira preparação e por isso é importante a participação e atenção de todos na universidade. O processo de enraizamento, replicando as palavras do professor Jorge, envolve a descolonização do currículo, que na prática depende dos professores e alunos também. Ter acesso a essa diversidade, diferença que promove a igualdade é um direito nosso, mas esse direito para ser conquistado precisa de nosso engajamento. Um direito que reconhece esses saberes, restabelece e dignifica o que outrora esteve em segundo plano ou até mesmo encoberto e pela colonialidade do saber.

Cadê o Pajé Barbosa que não veio?

Lá se vão muitas reuniões e viagens nesse pouco tempo. Uma década de alianças. E nossas conversas se mantêm sempre animadas. Ele sempre tem novidades, descobertas, um repertório alinhado com o invisível aos nossos olhos. Uma fé inabalável a suas convicções. Um trabalho incansável com a encantaria. Seus gestos e danças são forjadores de encantados. Uma toante cantada, sons que se afinam com suas performances coloridas e extravagantes. Suas receitas de cura sempre são temperadas de bom humor com pitadas de transgressão às vezes até infantil.

“A lágrima cura”. A emoção cura. Essas são suas matérias prima de trabalho. Qual seria a diferença para um grande artista? Pajé Barbosa é um dos artífices mais generosos que conheci em meio a tantos mestre e mestras que já tive oportunidade de trabalhar e ter o prazer de conviver. “A lágrima cura”. A potência que contém essa frase.

Criado pelas tias-avós. Imagino que foi de alguma delas que ele vem reformulando esses dizeres. Barbosa tem uma sensibilidade trabalhada no convívio com a dor e a alegria dos desenganados, desesperados, desesperançados da vida. Sua experiência e de nutrir de esperanças tantas almas que por onde ele passa reaviva. Com palavras de amor, cuidado, carinho, certamente um homem de carisma nos termos de um verdadeiro mestre capaz de repassar saberes, incentivar e propiciar um ambiente, para que esses saberes se juntem a outros tipos de conhecimento renovando por diferentes gnosis que chegam à aldeia. Por meio dos encontros, seminários, fóruns, intercâmbios que ocorrem regularmente na aldeia e sempre tem como uma das principais atividades as rodas e trocas de saberes e espiritualidade onde o pajé é sempre um dos principais participantes que conduzem os trabalhos. Esses intercâmbios acontecem com o povo Fulni Ô de pernambuco, por exemplo, que estiveram em três oportunidades presentes na aldeia Monguba. Também acontece o projeto Teia das cinco curas³.

³ A “Teia das 5 curas: Todos nós somos parentes” é uma rede colaborativa de re-educação, extensão e pesquisa participativa que envolve comunidades indígenas no Brasil, Peru, México e Canadá, a Universidade da Columbia Britânica (Vancouver, Canadá), o coletivo de arte e pesquisa Apontando rumo a futuros decoloniais, e parceiros como a ONG Uniseres e o Movimento Saúde Mental Comunitária no Ceará.

<https://blogs.ubc.ca/teiadas5curas/>

<https://blogs.ubc.ca/teiadas5curas/aldeiamonguba/>



foto Alex
Hermes

12 de junho
de 2013,
Festa da

Mangueira dos Pitaguary, Lá estava eu mirando ele que mirava um cordão de fotos que esticamos no Terreiro. Mal sabia o que me esperava à noite. A madrugada inteira de Rituais, rodas e giras ao balanço do maracá. Pajelança era como se chamava um rito da união entre espiritualidade, alianças com encantados. O Terreiro da Festa da Mangueira é um dos solos sagrados dos Pitaguary. Ali são renovadas as alianças até hoje. De lá as imagens saíram e continuam a ocupar outros terreiros, museus e os encontros promovidos pelo movimento indígena.



Os Terreiros dos Museus das Redes de Museologia Social Indígena principalmente, pelas quais ele passou, estive junto em alguns desses momentos. No encontro da rede de Museus Indígenas no território Tabajara no Piauí em 2017. Onde retornamos em muitas missões, o Pajé sendo convidado para dar orientações aos Tabajaras em suas decisões internas e externas. Orientações cosmopolíticas que só um Mestre a sua altura pode orientar. No Terreiro do Museu Tabajara a ciência da encantaria de Barbosa passou a ser valorizada. Ele sempre me diz assim também que “as vezes só os de fora dão valor”. Essas são das poucas vezes que vejo um certo descontentamento em seu olhar. Quando fala em não ter o reconhecimento dos mais próximos.

Em 2019 quando estive no museu do índio no Rio, entregando o inventário produzido no Terreiro Tabajara. Encontrei outro Mestre Mário Chagas, poeta e antropólogo dos museus. Ele veio me perguntar, cadê o Pajé Barbosa? Como está o Pajé? “Ele é um pessoa incrível” eu respondi eu sei que sou filho dele. Ele ficou assim, mas logo entendeu e foi contando das suas experiências com ele. Nos encontro de museologia social e em um especial um na terra dos Tremembé.



foto do acervo da família digitalizada durante o processo de pesquisa

O museu vivo, pajé da Encantaria

Houve um dia em que visitantes da aldeia iriam chegar no museu Pitaguary, o pajé e Francilene Pitaguary iriam recepcioná-los. Estudantes de enfermagem, uma aula de campo, então todos foram para o museu e Pai Barbosa ia compartilhando com aqueles estudantes, receitas, rezas, métodos e práticas de cura das matas que ele havia recebido de suas ancestrais. Vô Joana e vô Bela, Tia Amélia, Tia Maria Evaristo, as principais fontes de saberes. Delas são produzidas as principais narrativas sobre as curas e saberes Pitaguary na Monguba. Esses saberes foram aprendidos pelo Pajé, auxiliando suas tias. Praticando com elas no dia a dia, o menino Barbosa ia buscar uma folha, dar um recado, um óleo, casca de pau de planta. Como ele diversas vezes me relatou, essas vivências foram muito ricas pelo visto.

Quando suas referências não são as tias, são os compadres e comadres. Os professores dele, como me disse, são “Tio Melosa, Tia Negra, Francisquinha, Cila, Noêmia, Augusta e seus pais, Antônio e Maria Gordinho”. “Convivendo no meio deles pegando flores, frutas e outras medicinas... pedra, banha de cururu, coisinhas simples. Coisas que aprendi com o decorrer do tempo bem lento em quarenta anos de minha vida”. Aí vem tantas e tantas histórias de caçada na mata, histórias forjadas na serra e na fumaça da fogueira.

Todas essas histórias e memórias que ouvi eram tão bem lembradas, e repetidas vezes reproduzidas, que eu imagino ter vivido os tempos do passado com eles. Os Troncos Velhos, como eles dizem na aldeia, memórias das andanças pelos sítios na Serra. Hoje o povo sobe a serra para fazer esporte e turismo. Na época, se ia para colocar um roçado de banana, buscar frutas e a caça também. O museu é lugar dessas histórias do povo Pitaguary, contadas e recontadas durante as visitas.

Museologia social: mobilizações indígenas

Durante a terceira edição do Fórum Nacional de Museus Indígenas que ocorreu, de 19 a 21 de outubro, na Comunidade Nazaré, do povo Tabajara, localizada na zona rural do município de Lagoa de São Francisco, no Estado do Piauí. A aldeia Tabajara fica no interior do Piauí e a viagem foi feita de ônibus cedido pela universidade. Pela manhã haviam os grupos de trabalho, onde eram elaboradas as propostas para o funcionamento das atividades da rede. Todos os dias havia o Toré

animado pelas lideranças e jovens. Mãe Liduina e Pajé Barbosa vieram na caravana do Ceará, junto com Rosa Pitaguary e Benício Pitaguary, que ofereceu uma oficina de pintura corporal, também registrada por mim.

O Pajé passava a maior parte do tempo atendendo e consultando. Uma fila enorme se formava na lateral da quadra da escola onde ocorreu o fórum. A Mãe Liduina ficava dando assistência a ele como de costume. Ali ele dava conselhos, recitava, conversava, paralelo às atividades do fórum que se compunham, principalmente, por debates, exposições e trabalhos de encaminhamentos que não tinham modelos nada tradicionais. As dinâmicas do fórum eram sempre alegres com danças e canções, isso dava uma alegria ao ambiente e espantava o calor que era grande. Trabalhando no fórum pude acompanhar de perto a maioria das atividades, fotografando e filmando. Pude olhar olho no olho, entrar nas rodas de Toré e aprender sobre as várias modalidades que estavam se empreendendo por parte de cada povo para pensar e fazer museu à sua maneira.

Nesse contexto pude perceber melhor os sentidos dados às memórias mobilizadas, trocas de saberes pelas populações indígenas organizadas, em torno da Rede de Memória e Museologia Social. O antropólogo e parceiro Alexandre Gomes⁴ em suas reflexões que emergiram de muitas práticas junto aos museus indígenas. Trabalho de organização e pensamento sobre o tema que pude acompanhar em alguns momentos, chama a atenção em sua tese para o aspecto cosmológico envolvido nos projetos de museus. “As ressignificações das memórias produzidas nos museus indígenas relacionam-se às suas mobilizações e suas traduções em termos próprios possuem forte vínculo com as dinâmicas de suas cosmologias”. (GOMES, 2019 p.619). O trabalho do antropólogo muitas vezes é pensar como se dá a formulação das categorias nativas. Para esses indígenas, o museu é vivo e está longe da ideia de um amontoado de peças. Esse é um dos contextos que o conhecimento é oportunizado para vários atores e agentes participantes dessas atividades.

⁴ 4.2.2 O Pajé como “Curador”: Xamanismo e Tradução nos Museus Indígenas.

Nos dois encontros nacionais de museus indígenas organizados pela Rede Indígena de Memória e Museologia Social, a demanda de trabalhos ao pajé Barbosa fez com que ele “trabalhasse” três turnos fazendo curas, consultando ou com Encantados atuando por meio dele.

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/36806>

A casa do meio Casa e a festa da barraca promovida pelo Pajé Barbosa é o epicentro do conhecimento e formação de Pesquisadores.

A casa do Pajé Barbosa tem acolhido esses estudantes indígenas, assim como outros não indígenas. Nos últimos tempos essa frequência tem variado muito e tem revelado muitas questões interessantes para pesquisa. Mas, por enquanto ainda é transitória a passagem desses jovens em relação aos últimos anos que conheço o terreiro e me tornei filho da casa. Os melhores exemplos são os estudantes indígenas da UNILAB que são filhos e filhas da casa.



Figura 40 Festa da Caipora 2020, Gaby, Lauriane e Grazi Tremembé

Gabriela Tremembé estuda Antropologia, Grazieli e Lauriane Tremembé Agronomia. Cresceram e viveram juntas na mesma aldeia e estudam na UNILAB, residindo em Redenção. Passaram a frequentar a casa acredito por intermédio do cacique Climério Anacê, companheiro de Lauriane Tremembé. Juntos, esses estudantes mantêm na universidade um coletivo de estudantes indígenas. A presença de

estudantes Tremembé é tímida ainda, pois suas terras ficam distantes e perdem em número para os Pitaguary que lotam um ônibus da prefeitura todos os dias.

Em 2019, em uma dessas idas da universidade ao Terreiro chegamos à aldeia, após desembarcar seguimos os quatro para a Casa do Meio onde aconteceria a festa. Até lá, o caminho é lamacento e exige certo cuidado. Nessa época de chuva o terreno é escorregadio e perigoso para quem vai ter que subir até a Casa do Meio, onde Dona Liduina criou Nadya Pitaguary, Francilene Pitaguary e Alex Pitaguary, com Antônio Carlos Barbosa, nosso pajé e pai Barbosa. Nessa localização da aldeia ele também foi criado e ali ainda permanece seus parentes e de Dona Liduina que veio posteriormente, saindo da serra da Pacatuba.

A Casa do Meio tem esse nome porque está entre as três residências usadas pela família. De um lado, a uns 300 metros na aldeia, está a casa de Nadya. Lá também fica seu terreiro, nos fundos da casa, no pé da serra. Do outro, mais ou menos a mesma distância, a Retomada da Pedreira Sagrada, onde também se localiza o Museu Pitaguary, formado a partir do acervo do povo Pitaguary, de ações da rede Cearense de Museus Comunitários e Fórum de museus indígenas em conjunto com outros agentes da sociedade civil. No terreno da pedreira também são realizadas as pajelanças, ritual dos indígenas onde as participações são restritas a convidados do Pajé.

A casa dos pais do pajé próximo a Barraca é um espaço de memória, também mobilizado nas narrativas Pitaguary aos visitantes e pesquisadores que se aproximam e frequentam a aldeia Monguba. A Barraca que foi reconstruída recentemente é um espaço de socialização, eventos e também festas do terreiro do Pai Barbosa. Pude ter acesso a fotografia de tempos passados onde eram organizados encontros e foram registrados por pessoas que eles não sabiam me informar ao certo os autor(x)s da fotografias. Fotografei essas imagens com celular durante as idas a campo e compartilhei suas versões digitais com eles. Nessas retomadas imagéticas, as “boas lembranças” deixam transparecer entre o sorriso “o tempo bom que não retorna”. Eu espero que os registros desse dia sejam vistos, revisitados com essa mesma nostalgia um dia. Mas esse processo também se desenvolveu como uma ferramenta de troca e acesso a fontes para futuros trabalhos junto aos Pitaguary.

Estamos trabalhando para a manutenção desse acervo imagético que também é material para futuras pesquisas. O pajé tem mantido esse acervo fotográfico, junto a outros artefatos materiais que testemunham esses encontros há mais de trinta anos. Infelizmente não há um apoio institucional para manutenção nem para incentivar esse trabalho.

Argumento para construção de um acervo....

Esses espaços de acolhida são mantidos pelo pajé e a família sem nenhum apoio financeiro ou institucional. Os estudantes e pesquisadores ali são recebidos quase que como um projeto de extensão, posso dizer assim. Ali vão vivenciar nos encontros trocas onde amadurecem suas hipóteses, perguntas, onde suas teorias são atravessadas por práticas e fazeres de convivências. Pude acompanhar esse processo com esses atores diversos. Os mais interessantes são os dos filhos e filhas da casa, que também são alunos da UNILAB e de outras universidades que se identificam com as práticas da casa e do terreiro do Pajé. Como observou o professor Jorge Carvalho.

“Os métodos de transmissão de conhecimento utilizados pelos povos tradicionais são muito variados e quase sempre baseados na oralidade, na escuta e na prática contínua e cotidiana. Pensando no modelo junguiano das quatro funções de captação do conhecimento, podemos dizer que os seus processos de ensino integram razão, emoção, intuição e sensação, e acionam consistentemente instâncias do sagrado e do profano; e alcançam e formam o indivíduo na sua integralidade como sujeito ativo do conhecimento”
(CARVALHO: 2019)

Em muitos casos, pesquisadores que chegaram e se tornaram filhos do Pajé ou seguidores de Pajé - Os seguidores de Pajé é um grupo bem heterogêneo que mantém trocas de conhecimento e acolhimento em torno do pajé Barbosa- tanto na casa do meio como na retomada da pedreira encantada. No grande Galpão da retomada, onde vive a família extensa de Dona Liduina e do Pajé, uma estrutura originalmente concebida para um escritório da indústria mineradora, hoje adaptada à residência, é também onde sempre são recebidas visitas da aldeia, onde são

realizadas as consultas ao Pajé Barbosa. Suas consultas, um serviço comunitário que não tem um valor estipulado. Assim ele me disse mais de uma vez e pude presenciar em muitos casos, “ a pessoa ajuda como pode, e eu também” nesses termos muitas vezes seus saberes e curas são repassados a algumas décadas.

A barraca

A Barraca fica bem perto de uma subida para a serra e tem pedras grandes espalhadas por todo lado, isso ficou presente nas imagens fotográficas principalmente. O teto de palha, o piso é de cimento, em torno da barraca tem um



Viagem a Juazeiro do Norte em 2019. Encontro com a comunidade do São Gonçalo e com a comunidade da casa de mãe Dodô no bairro do Horto em Juazeiro do Norte - CE. A convite da AVBEM, na pessoa do Músico e pesquisador Di Freitas.

Foto Alex Hermes



Aniversário do Pajé Barbosa em 2020, no pátio do Museu Indígena Pitaguary, momentos de confraternização e de aprendizagem. Foto Alex Hermes



Ritual na casa do meio com filhas e filhos. Foto Alex Hermes



Filhos e Filhas, foto recente em 2022. Momento de renovação na casa de sua filha, Mãe Nadya. Foto Alex Hermes



Em 2014 os pesquisadores Cinthia Kagan e Jean-Claude Arnaud, <http://www.theses.fr/2015USPCA108>, http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401653904_ARQUIVO_RBAVFArtigo.pdf, na Retomada da Pedreira Encantada. foto Alex Hermes.



Filhos e filhas do Pajé Barbosa, Jovens lideranças de vários povos do Ceará que experimentam a pisada do terreiro do pajé Barbosa. foto Alex Hermes.



Barbosa sempre reuniu em seu entorno os jovens e crianças para das atividades na nas aldeia Pitaguary e fora dela.



Vivências e retiros são atividades do calendário animado dos terreiros do pajé Barbosa. São nesses momentos que filhos e filhas praticam suas habilidades de Seguidores de pajé. São atividades regulares, assim como as festas do terreiro dedicadas às entidades anualmente.





Em seus Terreiros cabem muitos pajés e muitos Barbosas. fotos Alex hermes





Muito conhecimento a ser repassado para a comunidade acadêmica.



A casa do meio sempre foi um lugar de acolhimento. Recebendo pesquisadores interessados em aprender sobre os conhecimentos da espiritualidade da família de Barbosa e mãe Liduina.

Acervo da Família, escaneada pelo pesquisador Alex Hermes para dissertação - PPGAS/UFRN - 2021/2022.

=====

Abaixo segue parte do texto formulado para candidatura do pajé Barbosa a mestre da cultura da secretaria de cultura do Ceará SECULT.

1.3 Pajé Barbosa Pitaguary: mantendo a sabedoria da cultura material e imaterial

Nascido na Pacatuba (onde hoje é território Pitaguary) em 17 de janeiro de 1967, Raimundo Carlos da Silva (conhecido como Pajé Barbosa) é um dos seis filhos do casal Antônio Carlos da Silva e Maria Carlos da Silva. Nunca morou em outro município, tendo sua família moradia na serra da Monguba e do Pitaguary local onde ele viveu até recentemente. Desde pequeno foi muito ligado afetivamente à

suas duas avós, Joana e Bela, as quais ele atribui a sua iniciação na arte de cura. Enquanto que sua vó Bela era raizeira, a vó Joana era parteira, curandeira e raizeira. Segundo Barbosa "foi com elas que aprendi a cultura"⁵. Durante sua infância, Raimundo Carlos convivia com uma rede de amigos e parentes de seus pais que recorrentemente se reuniam para conversar, contar histórias, cantar músicas etc. Nesses círculos de interação tinham personagens como o tio Zé Catingueira, tia Amélia, tia Augusta, tia Maria Evaristo, avó Joana, avó Bela, seu pai, sua mãe, entre outros. Podemos destacar que a convivência de Barbosa com esses parentes, faz ele atribuir um sentido ao lugar onde estão habitando, Ou seja, estrutura-se assim uma narrativa simbólica e afetiva em torno daquele território, São os seus antepassados que moraram ali, são as tradições da sua família (e de um povo) que foram construídas sob aquele espaço.

Nessas rodas e encontros ele diz que foi aprendendo sobre a história dos seus antepassados de caçadas e pescas, das danças e das "noitadas". Muitos desses encontros eram realizados ao som de um instrumento típico da época e daqueles habitantes, o berimbau de colher - ou seja, uma espécie de berimbau que era tocado com uma colher. Enquanto o sogro de Barbosa era mestre desse tipo de instrumento, seu bisavô era mestre de rabeca, sendo instrumentos centrais do que antigamente era conhecido pelos indígenas como "forró de berimbau", específico daquela região

Aprendendo com as matriarcas da aldeia

É importante voltarmos um pouco na biografia de Raimundo Carlos para destacarmos como ele aprendeu esses conhecimentos, tanto no trato com as plantas medicinais quanto com a espiritualidade. Durante sua infância e juventude, ele ajudou seus avós nos processos de cura por plantas e por rezas - mais especificamente, nas artes das raizeiras, das carimbeiras e das curandeiras. A avó Joana (avó de Barbosa) era uma das "cachimbeiras" (ou seja, parteiras) mais requisitadas da Pacatuba. O ofício das parteiras na comunidade é secular, sendo atualmente poucos os indígenas que têm conhecimentos nessa área ou conviveram

5

*Citação do pajé Barbosa em entrevista realizada no dia 22/08/2017, para a composição deste dossiê.

pessoalmente com as antigas cachimbeiras. Barbosa, por ser o pajé e por ter aprendido diretamente com sua avó diversos procedimentos de cura e parto, ainda mantém uma memória e uma oralidade lúcida sobre isso. Como esse tipo de aprendizado não é estruturado de uma maneira linear nem formal, a experiência em acompanhar e auxiliar as mestras do saber nessa atividade era (e, em alguns casos, ainda é) uma das formas principais de se adquirir o referido conhecimento.

“Desde os meus 9 anos que eu sou um seguidor das raizeiras, das caximbeiras e das curandeiras. Porque eu passei a ser uma espécie de enfermeiro, delas, porque eu ia tirar as cascas com elas, elas me ensinavam, quando elas tiravam aquela casca elas botavam um pouco de pó de areia e dizia antes dela tirar ela dizia pra que lá tirar aquela casca, era que nem ela tivesse falando pra uma pessoa. E pegava casca de angel, de jurema, de carvoeiro, de gonçalal... Aí vinha pra raízes diversas, o relão, a xanana, o fedregoso, o muçambeí. E ela ensinava os vários tipos de remédios. E eu era justamente a pessoa que ia pra ajudar pra trazer aquelas raízes, aquelas plantas tá entendendo.. E aí a gente ia fazer o fogo pra cuidar desse trabalho e era muito interessante, esse trabalho tanto da vó Joana quanto da vó bela, como também do tio Melosa, "eu também cheguei a andar um tempo mais o tio Melosa que ele era um curandeiro dos antigos." (BARBOSA: 2017)

Com seu tio, o curandeiro Melosa, Raimundo Carlos aprendeu a arte do cachimbo. Vale ressaltar que esse ensinamento ainda é muito valorizado, praticado e transmitido dentro dos Pitaguary. A "arte do cachimbo" consiste em além de saber fabricá-lo, saber escolher e preparar as ervas certas para usar. No caso, uma das "misturas" muito utilizadas para cachimbo é uma mescla de cedro com eucalipto - mas pode variar dependendo de qual a finalidade do uso. A "defumação" (ou seja, a fumaça), como ele chama, produzida pela queima dessas ervas tem a função de expulsar as energias ruins. Para além de um uso social do cachimbo, a defumação é uma prática até hoje utilizada em rituais de cura ou purificação.

Os tipos de curas desenvolvidas pelo pajé podem ser tanto na esfera das plantas medicinais, como já ressaltamos brevemente, como podem ser realizadas em uma esfera espiritual. Vale ressaltar que é o Barbosa que tem o domínio (e é a maior referência) nos dois tipos de cura, sabendo usar cada qual (com seus procedimentos, preparações, rezas e regras) para cada caso específico. A família

Maria (do pajé) além da maestria no cuidado e conhecimento das plantas, também tinha uma forte sensibilidade para a espiritualidade. Duas tias de Barbosa, são destaques para essa sua aproximação com esse campo: tia Elisa e tia Antônia. Com seus 20 anos, Barbosa já conseguia receber entidades. Com a ajuda de sua mãe e sua tia Antônia que tinham um terreiro, ele consegue ter a orientação necessária para desenvolver esse dom. Essa sua aproximação com a espiritualidade, principalmente com a umbanda, o faz aprofundar esse conhecimento quando se torna pajé. Assim, desde que passa a ocupar esse cargo a priori espiritual dentro da aldeia ele começa a desenvolver a prática da jurema.

Sobre a produção mútua do conhecimento em, A Retomada das imagens Pitaguary

O antropólogo Tim Ingold, em seu livro *Para que serve a antropologia?* (2019), lança questões sobre os rumos da disciplina e propõem um acolhimento dos olhares “nativos”, o que até aí não seria novidade. Mas pensemos em termos de uma produção conjunta de reconhecimento, não apenas das chamadas cosmovisões. Segundo ele, “Devemos levar a sério nossos informantes”, não apenas fingirmos ou suspender temporariamente nossas crenças, para depois fabricar ideias sobre elas. Levar os outros a sério, seus saberes, autoridade em vida, é pressuposto básico para o fazer antropológico.

Com os anos entendi que nesses encontros quase sempre o mais importante, é aquele momento que se vivencia com o outro. O embate de mundos, que produz a novidade e que se estabelece no diálogo extra cotidiano e que pode gerar novas visões, revela um conhecimento. Não se trata de catalogar a diversidade dos modos de vida humana, mas de um ir ao diálogo. Trata-se, ademais, de um diálogo no qual todos aqueles que participam estão prestes a serem transformados”. (Ingold, 2015, pág.) Aprender ouvindo a biografia de quem teve que encontrar muitas soluções na vida para chegar até aquele instante. Falar de si, entregar-se ao desconhecido, com sinceridade que só a experiência de tempo vivido junto pode acolher.

Entre os grupos, o trabalho de olhar de dentro é um dos desafios. Um grupo de pessoas é sempre desafiador ao pesquisador. Assim como o intuito aqui é entender os encontros de propostas diferentes, a ferramenta mais adequada foi entregar-se à vida na aldeia. Uma etnografia conectada com a vida, neste caso produz conhecimento também. A antropóloga Mariza Peirano, diz que etnografar é também

teorizar, assim como ritualizar os encontros, saber ver que gestos são marcadores e definidores dos limites. Segundo as palavras desta autora:

Etnógrafos fomos/somos ávidos em conhecer o mundo em que vivemos, nunca nos conformamos com predefinições, estamos sempre dispostos a nos expor ao imprevisível... repito, se aqueles que nos antecederam privilegiaram a exploração - no duplo sentido do termo - do exótico, hoje reavaliamos e ampliamos o universo pesquisado com o propósito de expandir o empreendimento teórico/etnográfico, contribuindo para desvendar novos caminhos que nos ajudem a entender o mundo em que vivemos. (Peirano, 2014, p.389).

Seja clareando as flechas ou fazendo a resistência cotidiana, situando nossos passos no território e com o conhecimento de uma nova linguagem ritualizada. Alimentando o sagrado, em busca dessa aproximação, ampliação, expansão da compreensão.

A ciência do cachimbo

Capítulo 3: Terceiro movimento Essência do sentir

A fumaça do cachimbo⁶

O Cachimbo é um desses ativadores dos sentidos recorrentes na aldeia em muitas situações. Além de que é um momento de muita sociabilidade onde se dão troca de receitas, técnicas e matérias. Desde a madeira que produz o cachimbo até aos tipos de pensamento que estão circulando em uma roda de cachimbo, que pode ser informal ou cerimonial, os agentes envolvidos que atuam entre as pessoas podem alterar as percepções, principalmente se o pesquisador resolve dar uma cachimbada também, o que algumas vezes me causou um certo mal-estar. Assim como os dias em que inalava muita fumaça das noites e noites de fogueira que me deixavam o resto da semana com o nariz entupido.

Recentemente, durante o carnaval de 2021, em que nos reunimos para um retiro espiritual no terreiro, fizemos uma grande roda de cachimbo, na qual não produzi

⁶ Capítulo extraído do TCC, Antropologia UNILAB, a retomada das imagens Pitaguary, Alexandre Hermes Oliveira Assunção 2021.

nenhuma imagem, e estava decidido desde o começo a não inalar a fumaça para não me indispor, o que é natural para quem não está acostumado. Então me posicionei com todos os irmãos em roda. Cada um com seu cachimbo e sua vela foi apanhando seu fumo da cumbuca e preparando seu cachimbo. Foi anunciado que as pessoas não eram obrigadas a participar e se quisessem poderiam participar apenas firmando-se seu preto/preta velho/velha e oferecendo a ele (a) s aquele fumo. Até ali eu ainda estava hesitante a colocar o cachimbo na boca.

Porém, se tem algo que aprendi sobre ética, regras e respeito relativos à espiritualidade é que o princípio básico é se respeitar, respeitar seu corpo e seus próprios limites. As regras e doutrinas existem em todas as comunidades religiosas, umas mais rígidas outras nem tanto. Nas casas e terreiros da família de Mãe Liduina e do Pajé Barbosa experimentei os limites dessas duas porções. Uma certa rigidez moral em torno do comportamento dos filhos, restrições e preceitos corporais. Mas nada era obrigado ou imposto. Inclusive percebo que ali há mais flexibilidade do que no geral de outras casas pelo que pude observar.

Então, essa adesão às regras da casa foi também um parâmetro de entendimento para mim, no que se refere aos limites e à produção efetiva da pesquisa. Nenhum pesquisador vai aderir irrestritamente a tudo no campo, ao que é sugerido ou colocado como regras. Mas, como há sempre uma alternativa, fazer ou não, aderir ou não, ceder ou resistir às condições, fui percebendo que não só como pesquisador, mas como alguém que vinha de uma outra realidade, eu tinha que buscar, aos poucos, soluções intermediárias para permanecer em campo. De forma que fosse participativa, ativa e também respeitando as doutrinas e regras da casa. O exemplo da roda de cachimbo é um, entre muitos outros que também envolvem o uso da câmera e a elaboração de conhecimento na interação da pesquisa e transmissão dos saberes.

Abaixo segue parte do texto formulado para candidatura do pajé Barbosa a mestre da cultura da secretaria de cultura do Ceará SECULT.

O seguidores de Pajé

Os "seguidores de pajé" foi algo formulado, desenvolvido e executado por Barbosa visando fortalecer a espiritualidade e a cultura Pitaguary. Segundo o pajé, algumas

peças nascem com o dom da cura (seja por processos farmacêuticos, botânicos ou espirituais), entretanto não conseguem entrar em uma universidade para desenvolver essa sensibilidade. Dessa forma, o pajé acolhe e ensina esses sujeitos a desenvolverem essa inclinação para a cura e para a espiritualidade através da tradição do povo. Ou seja, a partir das rezas, das plantas medicinais e do contato com os encantados. Esse ensinamento, como ocorre em qualquer tradição oral, é feito através do acompanhamento e da escuta atenta e assídua do mestre em questão, no caso Barbosa. Esses seguidores passam a acompanhar o pajé em seus ritos privados e, conseqüentemente, vão gradativamente aprendendo e se graduando nessa arte. Normalmente, esses encontros são realizados na segunda noite de lua cheia.

Um dos primeiros ensinamentos aos neófitos, segundo Barbosa, é sobre a arte do cachimbo. Ou seja, para que ele serve e quais os ingredientes que deve-se usar e, conseqüentemente, a arte de cura através da fumaça. Os ingredientes que devem ser queimados são feitos a partir de uma mescla de ervas (puras) ou misturadas com fumo que devem ser escolhidas dependendo da situação e da demanda a ser resolvida. Entre as mais usadas, além do cedro e do eucalipto, estão o manjeriço, a alfavaca, a casca da laranja etc. Posteriormente, outro elemento repassado por Barbosa durante as interações com os seguidores de pajé, são as rezas e os cânticos do povo. Antes de se iniciar um ritual de toré propriamente dito, por exemplo, existem uma série de cantos de abertura que preparam o terreno no nível sensível (entre os participantes) e espiritual (para os encantados). Esses cantos precisam ser aprendidos pela comunidade para poderem reproduzir em uníssono e harmonia durante os rituais. Além dos cantos, como dissemos, existem as rezas. O pajé Barbosa é referência máxima dentro do povo quando alguém precisa de uma reza para si ou algum parente, no caso de problemas pessoais causados por doenças do corpo ou do espírito, como eles dizem.

Existem duas formas principais pela qual esse saber é repassado, seja pela participação em Torés públicos ou privados, aprendendo dessa forma a partir da interação direta. Ou através dos ensinamentos que vem diretamente do pajé, seja em conversas diretas com ela ou através de sua difusão de conhecimento feita através dos encontros dos "seguidores". Por outro lado, as rezas são utilizadas e

ensinadas para os casos que necessitam de cura, podendo ser seguidas pela utilização das ervas ou não. Quem executa a reza é conhecido como rezador, e seu trabalho envolve principalmente a fé. Já o curandeiro, é o rezador que utiliza para além das composições das rezas, produz as defumações através das plantas medicinais/espirituais, confecciona remédios diversos (entre eles, lambedores, xaropes etc.) medicinais/espirituais, entre outros.

O pajé Barbosa ainda guarda um saber bastante antigo que foi repassado desde seus ancestrais e que até hoje é bastante usado dentro da comunidade: a preparação da garrafada, do xarope e do lambedor. Enquanto que o líquido do xarope é fino, o do lambedor tem que dar o ponto até ficar pronto. Os dois curam doenças, mas o segundo é, digamos, mais potente. O ponto do xarope feito por Barbosa é quase na textura de mel e envolve uma série de raízes e cascas, cada qual com diferentes finalidades e utilizações. Além dessas duas composições, ainda existe a garrafada. Esta, também usa cascas e raízes, entretanto não leva em seu preparo açúcar - sendo algo mais "apurado". Esses conhecimentos são compartilhados pelo pajé com quem tiver interesse em aprender. Esse conhecimento, ressaltamos, foi aprendido através do convívio com suas avós. Assim, Barbosa hoje tem receita de cerca de dez tipos de lambedor, muitas dessas receitas foram repassadas para ele por sua família.

Barbosa também desenvolve outra atividade de suma importância para a oralidade Pitaguary, a composição e ritmização de cânticos, rezas e torés. O toré é uma dança/performance/ritual característico de boa parte dos índios do Nordeste brasileiro, onde se dança de forma circular, com utilização de instrumentos "musicais" (como a maracá e o tambor) podendo ou não ingerir-se bebidas como a jurema. Ele tem diversas finalidades, pode ter conotação política, de festejo, espiritual etc. Para cada uma delas, os cantos que serão entoados mudam. Dentro da roda maior do toré, geralmente se constitui um pequeno núcleo de pessoas, responsáveis por "puxar" de fato o ritual- ou seja, iniciar e terminar determinado canto, dar ritmo ao ritual, trazer e controlar a força a força encantada que estará vindo etc. Em todos os torés tanto Pitaguary quanto dos indígenas do Ceará como um todo, se o pajé Barbosa estiver presente ele é chamado para iniciar e ficar em seu centro. Tal postura demonstra um respeito e um reconhecimento por parte dos

índios Pitaguary e do movimento indígena do Ceará de que ele é uma autoridade no quesito espiritual (e político, obviamente) da causa indígena no estado. Os Pitaguary têm um evento mensal nas suas escolas indígenas, conhecido como "noite cultural". Nesse encontros, as crianças e jovens da aldeia participam de momentos de conversa e tore, entre

O pajé Barbosa tem uma força, uma presença, muito marcante durante as rodas de toré. Em boa parte das performances ele fica "sombreado", como costumam dizer. "Sombreado" significa que a pessoa não incorporou o encantado (ou uma entidade) mas que entretanto ela está ali "do seu lado". Segundo o relato de alguns índios, é quase como se você tivesse duas mentes. Ou seja, a pessoa não perde a noção da dimensão real, daquele momento, mas ao mesmo tempo está sob influências espirituais. Este estado, no Barbosa ou em outros indígenas, é verificável através da fisionomia, no olhar, nas atitudes, na voz e em alguns casos em expressões corporais sutis (como "tremeliques" etc.). - ou seja, é necessário uma determinada sensibilidade para perceber o "sombreamento" em uma pessoa, diferentemente da possessão que é muito mais evidente. É essa sua forte relação com a "encantaria" (ou, digamos, o mundo sobrenatural/espiritual dos encantados) que faz do pajé Pitaguary alguém sempre muito respeitado entre os índios do Ceará e mesmo de outros estados do Brasil Durante os torés é comum o pajé ficar sombreado, enquanto que nas pajelanças ou rituais de ouricuri é mais frequente os participantes (e o próprio Barbosa) incorporarem algum encantado.



Retomada da pedreira Encantada, 2013. foto Alex Hermes

Retomada é Preservação, cuidado com todos os seres vivos na aldeia.

É importante ressaltar que a ocupação de Barbosa na área da pedreira é uma forma de cuidar do meio ambiente, da fauna e da flora do território Pitaguary. Esta é outra atividade atualmente desenvolvida por ele. Com a atuação da pedreira, suas reiteradas explosões, emissão de gases e materiais químicos etc, o solo foi empobrecendo o que favoreceu o desmatamento e conseqüentemente, o desaparecimento dos animais que antes habitavam as matas. O enfrentamento de Barbosa, ao morar na área de retomada e impedir a reabertura da pedreira é, além de diversos aspectos, um ato de defesa da natureza. O seu trabalho espiritual de pajé depende daquele espaço. Como vimos, suas atividades de confecção de xaropes, lambedores e garrafadas necessitam de uma abundância de espécies vegetais que deem o subsídio natural à realização dessa prática. De outra forma, as crenças Pitaguary elencam diversos seres encantados que vivem nas matas que compõem o território. Portanto, a manutenção do meio ambiente naquele local é uma forma de assegurar a própria cultura e narrativa do grupo. Visto que são nesses espaços que os encantados que são chamados para ajudar nas curas, nas rezas, nos tores etc habitam

Paralelo a este fato e visando legitimar ainda mais a retomada e a terra em conflito, o pajé, juntamente com algumas lideranças se engajaram na construção de uma espécie de "complexo cultural" Pitaguary dentro da área da pedreira. Este, seria composto por: museu indígena, espaço de memória, espaço de ensino/oficina de pinturas corporais e um espaço de venda de artesanatos indígenas. Até o momento só o que foi construído foi o museu indígena Pitaguary. O mesmo se encontra no "quintal" da casa do pajé, o qual tenta, com a ajuda de parceiros e apoiadores, inaugurar e manter o espaço. Dessa forma, para além de sua contribuição para a cultura imaterial da comunidade, Barbosa ainda desponta como um importante ator na preservação da cultura material do povo Pitaguary (no caso, por ter ajudado a idealizar, construir e organizar o museu)

Portanto, para além do saber do pajé Barbosa a respeito da cultura material Pitaguary (contida em suas histórias orais, em sua espiritualidade e nas curas etc), ele também é um mestre na cultura material de seu povo. Com isso queremos nos referir, especificamente, a sua prática de fabricar artesanatos típicos locais, tais como: colares de osso, machadinhas, esculturas em madeira, confecção dos cachimbos etc. Peças que além de servirem como adornos próprios, são reivindicados para o público em geral e compõem peças para o museu indígena. Destacamos a sua plumária na arte de fazer cachimbos que serão usados nos momentos rituais ou sociais no grupo.

Reiteramos a importância cultural e a validade antropológica do pajé Barbosa Pitaguary, seu reconhecimento perante a sociedade civil e acadêmica, visto a necessidade de ampliar a representação indígena nesses ambientes. Da mesma forma, salientamos que as expressões da cultura imaterial, tanto em um sentido generalizante quanto específicas do povo Pitaguary, precisam de um apoio, digamos, material para permanecerem ativas e com capacidade de ampliação para os outros membros da comunidade. Obviamente, a cultura imaterial Pitaguary difundida, principalmente, através da oralidade conseguiu se manter o grupo através da atuação de indígenas como o próprio Barbosa. Entretanto, com "ajuda material" queremos nos referir que o aporte de agências e agentes do Estado são fundamentais no processo de manter as tradições vivas. Dessa forma, vemos no

apoio das instituições governamentais as práticas desenvolvidas por Barbosa como um meio, de fato, efetivo de consolidação das dimensões materiais e imateriais da cultura Pitaguary.

Finalizando, apresentamos uma participação muito importante do Pajé Barbosa colaborando com seu conhecimento para a ciência. Um dos fatos relevantes foi a organização do Congresso Brasileiro de Psiquiatria Cultural, organizado em 2010 pelo Movimento de Saúde Mental Comunitária (MSMC) em parceria com a Associação Brasileira de Psiquiatria Cultural e a comunidade Pitaguary, o congresso realizado na Aldeia Pitaguary teve toda a mobilização e participação dos próprios indígenas locais, psiquiatras e profissionais do Brasil inteiro. Um dos participantes mais significativos foi o Pajé Barbosa que trouxe ao evento a sua experiência de curandeiro e representante espiritual daquele povo. Com ele, se desenvolveu um relacionamento fraterno e de respeito recíproco que nos levou a colaborar várias vezes em conjunto em casos de saúde mental, cuidando de pessoas que apresentavam transtornos mentais que precisavam de atenção psiquiátrica e espiritual. Destaca o Padre e Médico Psiquiatra Rino Bonvini, também presidente do MSMC. Pajé Barbosa participou de vários congressos, entre eles o de psiquiatria, saúde mental, psicologia e em vários programas de rádio e televisão e entrevistas nos jornais falando dessa contribuição com a Etnopsiquiatria e o cuidado com a Saúde Mental.



fonte: <https://inclinclusao.com.br/noticia/118/notorio-saber-para-os-mestretradicionais-uma-revolucao-no-mundo-academico>

*UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Coordenadores: João Tadeu de Andrade (MAPPS) & Marcélia Marques (FECLESC)
| Curso: Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade (MAPPS) – 2014
(MAPPS) – 2014

Disciplina: Encontro de Saberes: Saberes Tradicionais da Cura –
PÓS-GRADUAÇÃO (optativa) 07/04 a 14/07/2014

Modulo I

Terra Toré: Tradição e Espiritualidade dos Índios Pitaguary

Mestre: Raimundo Carlos da Silva (Pajé Barbosa, Líder Pitaguary, CE) Assistente:

Francilene da Costa Silva Prof. parceiro: João Tadeu de Andrade (Antropologia

Médica) Descrição: O módulo tem como foco os saberes e fazeres tradicionais da

cura, recorrendo ao conhecimento de mestres da cultura de distintas regiões

do Ceará (Cariri, Sertão Central, Região Norte e Grande Fortaleza). Incluiu uma visita à aldeia Pitaguary.

Referência Bibliográfica:

CARVALHO, José Jorge; ÁGUAS, Carla. Encontro de Saberes: Um Desafio Teórico, Político e Epistemológico. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; CUNHA, Teresa (Org). Colóquio Internacional Epistemologias do Sul. Vol. 1: Democratizar a Democracia. Coimbra: Universidade Coimbra/Centro de Estudos Sociais, 2015. p. 1017-1027.

_____ ; PROJETO ENCONTRO DE SABERES NAS UNIVERSIDADES (2010/2018): UnB, UFMG, UFSB, UFJF, UFRGS, UFPA, UFCA, UECE, UFF. INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR E NA PESQUISA - INCTI/UNB/CNPQ. Brasília, janeiro de 2019.

Práticas medicinais e rituais de cura do pajé Barbosa.

Francilene e Nadya Pitaguary



Foto: Alex Hermes

As práticas de curas tradicionais são bastantes comuns nas aldeias indígenas e comunidades tradicionais.

Na aldeia Pitaguary não é diferente pois as práticas de cura tradicionais são repassadas por gerações, através das raizeiras, parteiras, benzedeiras, cachimbeira e outros tipos de guardiã de saberes e práticas de curas diversas, como por exemplos os pajés e xamãs. Pessoas que têm ligação direta com o mundo espiritual, (o mundo da encantaria, reino da jurema, Aruanda ou os reinos dos céus).

A maioria destas pessoas são escolhidas pelos deuses e muitas vezes trás os dons das suas vidas passadas. Os nosso curadores da aldeia pitaguary trás o dom de cura der da sua gerações na barriga da sua mãe, os mas velho fala que muitas destas crianças chega ater chora na barriga da mãe e este é um dos sinais que elas vão ser

um criança iluminada quando esta criança nasce são altamente desenvolvida espiritualmente elas sempre tem um amigo imaginário e gostas muito de plantas e animais e todos os elementos da natureza, mas muitas delas vivem assombrada por que tem o dor de ver o mundo dos espíritos (*o mundo da encantaria*) por isso que tem que ter um orientador espiritual na aldeia para poder ajudar estas crianças na sua missão de cuidar de outras pessoas e entender os outros mundos, para que elas não venha sofrer preconceito por serem diferente, e seus dons não ser confundido como transtorno mental, e corre o risco deles ficarem usando remédios controlados por toda sua vida sem precisão.

O pajé Barbosa foi uma destas crianças sua infância não foi fácil ele cometa que vivia assombrado, pois quando apagava a lamparina ele via vários rostos e os espíritos vinha falar com ele, por estas razões muitas vez tinha que dormir com seu pai(Antônio Carlos), que era agricultor e mesmo cansado do trabalho ele tinha a paciência de cuidar do pequeno pajé Barbosa. Ele também foi criado pelas suas avós Joana que era parteira e rezadeira e sua avó Bela que era rezadeira e raizeira ele aprendeu a desenvolver seus dor através das sabedorias delas e da sua mãe Maria Carlos, que era uma média videntes, dentre outras que fizeram parte da vida dele.

Foi observando e ajudando elas que ele foi aprendendo as práticas de cura através da medicina tradicional. Ele descreve como foi a primeira vez que ele rezou em uma pessoa. Relatos do pajé Barbosa:

“Eu tinha 14 ano e estava em casa mas minha mãe, eu estava brincando no canto da parede quando de repente chegou um homen chamado seu batista procurando pela minha avó joana, pós ele estava sentido muitas dores no corpo e queria que ela rezasse nele mas minha avó havia saído e minha mãe sabia que eu tinha o dom da reza e pedio para mim rezar nele quando eu comecei reza ele desmaio e eu corri fiquei com medo de ter matado ele, mas minha mãe terminou a reza e depois foi atrás de mim e mim falou que ele estava bem, ele tinha desmaiado porque estava com muita espinhela caída ou arca caída (espinhela caída pode se ocasionar atrás de pessoas, que pode ocorrer um pequeno desvio da coluno onde pode ter várias consequências como dores lombar, dores no corpo, problema no estômago como gastrite e até mesmo úlcera ,podendo levar o paciente até a morte) eu nunca esqueci daquele dia fala o pajé barbosa!

São tantas experiências e histórias que ele guarda na memória como por exemplo da sua avó joana que era parteira . A vó joana gostava muito de reza pra nossa senhora e

os bons espíritos e pedia sempre a proteção deles quando ela ia ajudar uma mãezinha dá a luz. Seu material de trabalho era sempre sua cachibinha, tesoura, um cordão, uma garrafa de álcool com ervas, cascas de aroeira, cedro e casca de cajueiro e outras eva medicinas, pois na época só existia a farmácia tradicional e ela tinha que ter domínio nos conhecimentos ancestrais para poder cuidar de todos os problemas.

A vó Joana não tinha hora pra sair e às vezes ela estava dormindo quando chegava o recado que tinha uma mãezinha pra dar a luz e estava precisando de sua ajuda ela se levantava pegava suas coisas e saía com uma lamparina na cabeça pra iluminar o caminho às vezes era subindo a serra, mais ela fazia isso com muita alegria pois ela ia fazendo suas orações como de costumes cantando e contando história durante todo o caminho quando chegava lá ela ia cuidar daquela mãezinha que estava perto de parir ela examinava e sabia se a criança estava na posição certa muitas vezes a vó Joana tinha que ajeitar o canto Pois aquela família era tão humilde que nem roupa tinha ela pegava um pano e ajeitava uma cama de vara para poder facilitar a chegada daquela criança quando a criança nascia ela passava até de 15 dias cuidando daquela família desde da Alimentação aos medicamentos tradicionais que ela preparava pois o cuidado não era só na hora do parto mas sim após pois ela tinha a responsabilidade e deixar aquela mãezinha bem com condição de volta a cuidar da sua família. Quando a avó Joana voltava pra casa ela trazia presente como por exemplo um feijão verde ou um franguinho que ela dava para o pequeno pajé Barbosa cuidar.

Foi com estas experiências que ele foi aprendendo a arte da cura e com o passar dos anos ele passou a ser o segundo pajé do povo pitaguary com a partida do pajé Felismino para o mundo da encantaria ele se tornou o pajé geral do povo pitaguary passando não só ajudar a sua Aldeia mais sim todos que precisam de sua ajuda.

Pajé Barbosa por muito tempo contou com a ajuda de sua esposa Maria Liduina da Costa Silva, que é raizeira, rezadeira e média vidente hoje ele não só tem a ajuda dela mas sim de seus três filhos, Nádia Luzia Da Costa Silva que é xamã e orientadora e espiritual, Francilene da Costa Silva praticante de vários cultos sagrados reverenciando ao sagrado feminino e José Alex da Costa Silva rezador e orgam e juremeiro que também traz sabedoria ancestrais do desconhecido e do mundo da encantaria e seus

outros filhos de coração que também possui dons paranormais que São seus seguidores assim formando a família do pajé Barbosa ou os seguidores de pajé.

A mãe Liduina conta várias histórias e experiências que viveu e vive com o pajé cuidado das pessoas. Ela fala que teve uma vez que uma índia da aldeia procurou o pajé para ele fazer uma cura na sua perna mas ela estava desesperada porque os médicos falou pra ela que não tinha mas jeito o pajé barbosa vendo o desespero daquela índia ele resolveu ajudar e pediu a ajuda aos encantados e logo o pajé barbosa incorporou e o encantado que veio foi o seu reis Urubu que tem o dom de cura e retirar feitiçaria, quando ele chegou foi logo fazendo acura que foi muito forte o momento, depois que o Encantado terminou a cura ele falou que ela tinha pegado em um lugar e que aquilo não era pra ela mas como ela estava de corpo aberto (corpo aberto e um momento do ciclo menstrual da mulher) mais ela ia ficar bem com três dia ela já estava bem melhor e os médicos não entenderam o que havia acontecido pois era impossível ela ter ficado boa tão rápido e não precisou perder a perna.

Outra história foi quando ele tinha chegado do trabalho, paje barbosa era vigilante e passava a noite trabalhando em uma escola municipal de pacatuba, naquele dia ela falou pra sua filha Francilene Pitagaury que não queria que ela o chamace por nada, pos ele estava muito cansado e ele foi dormir, quando derepente chegou na sua casa uma maezinha com sua filha desmaiada nos braços e francilene não pensou duas vézes e foi até seu pai paje barbosa que estava dormindo, quando ela chegou ele se acordou com o desispero a maezinha que ao avista o pajé chogou a a criança nos seus braços e ele pergou a criança elevantou-se da rede sacudido e fes mensagem de reanimação da quela pequena menina que comesou a chora o paje foi acalmndo a mae da criança que le contou que ela tinha caído da rede junto com sua filha e ela so si lenbrou dele na quela hora, o pajé ficou muito admirado com aquela atitude ele rezou na pequena menina, para vento caído e agradeceu sua filha francilene por não te li atendido se não fosse tao rapido a menina tinha falecido e ele falou que nunca mas vai dizer que não que se pertubado enquanto Deus der vida a ele, ele vai atender a quaquer hora do dia ou da noite!

Assim pajé Barbosa vive na grande missão de cuidados de todos filhos da nossa mãe terra missão essa que ultrapassa dimensões e fronteiras com suas dedicações segue ele ensinando outros e outras curandeiras despertando o verdadeiro saber de cuidar um do outro através da ancestralidade e da medicina tradicional

Por isso que ele está sempre fazendo rituais sagrados como rituais de pajelança e de jurema sagrada, para manter a sua conexão com os ancestrais e espíritos de luz fortalecendo seus saberes que são milenares, assim ele forma uma ligação com o mundo espiritual planetária.



Carta de Recomendação

Eu, João Cassimiro do Nascimento Neto, venho por meio deste, indicar Raimundo Carlos da Silva portador do RG. 920.151.115.30 e CPF. 491.524.163-72, conhecido como Pajé Barbosa - Pajé do povo Pitaguary, para o título de Notório Saber da Universidade internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), Pajé Barbosa vem desenvolvendo um importante papel no repasse de conhecimento tradicional para o povo Pitaguary e para todo o movimento indígena cearense, repassando conhecimentos da espiritualidade e medicina tradicional, atuando como formador de curandeiros em todo o estado, trazendo a questão da saúde mental e dos tratamentos tradicionais para as doenças do corpo e do espírito desde o início da década de 90 até os dias de hoje. Então sabendo da importância deste Pajé para o povo e para o desenvolvimento dos saberes tradicionais e espirituais, por essa razão indico Notório Saber para o já referido Pajé Barbosa.

Olinda/PE, 03 de junho de 2022

João Cassimiro do N. Neto

João Cassimiro do Nascimento Neto
Coordenador Executivo

Av. Sigismundo Gonçalves, 654. Varadouro,
Olinda-PE. CEP: 53.010-240
Telefones: (27) 99782-5400 - (87) 8104-8849
E-mail: apoinmebra@gmail.com



FEDERAÇÃO DOS POVOS E ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO CEARÁ – FEPOINCE

Carta de Recomendação

Nós que compomos a Federação dos Povos e Organizações Indígenas do Estado do Ceará (FEPOINCE), estamos por meio desta indicando Raimundo Carlos da Silva, conhecido como Pajé Barbosa, Pajé do Povo Pitaguary para o título de Notório Saber da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Pajé Barbosa vem desenvolvendo um importante papel no repasse de conhecimento tradicional para o Povo Pitaguary e para todo o movimento indígena cearense, repassando conhecimentos da espiritualidade e medicina tradicional, atuando como formador de curandeiros em todo o estado, trazendo a questão da saúde mental e dos tratamentos tradicionais para as doenças do corpo e do espírito desde o início da década de 90 até os dias de hoje. Então sabendo da importância deste pajé para o povo e para o desenvolvimento dos saberes tradicionais e espirituais eu no cargo de liderança do meu povo indico sem nem um contraponto o mesmo para Notório Saber.

Ricardo Weibe Nascimento Costa

Coordenador da Federação dos Povos e Organizações Indígenas do Ceará – FEPOINCE

CNPJ: 34.816.161/001-70

Carta de Recomendação

Eu, **Maria da Conceição Alves Feitosa**, liderança do Povo Pitaguary , venho por meio desta indicar Raimundo Carlos da Silva, conhecido como Pajé Barbosa, Pajé do Povo Pitaguary para o título de Notório Saber da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Pajé Barbosa vem desenvolvendo um importante papel no repasse de conhecimento tradicional para o Povo Pitaguary e para todo o movimento indígena cearense, repassando conhecimentos da espiritualidade e medicina tradicional, atuando como formador de curandeiros em todo o estado, trazendo a questão da saúde mental e dos tratamentos tradicionais para as doenças do corpo e do espírito desde o início da década de 90 até os dias de hoje. Então sabendo da importância deste pajé para o povo e para o desenvolvimento dos saberes tradicionais e espirituais eu no cargo de liderança do meu povo indico sem nem um contraponto o mesmo para Notório Saber.



LIDERANÇA PITAGUARY
CPF: 883.97874372



Comissão de Juventude Indígena do Ceará – COJICE

Carta de Recomendação

Nós que compomos a Comissão de Juventude Indígena do Ceará (COJICE) estamos por meio deste indicando Raimundo Carlos da Silva, conhecido como Pajé Barbosa, pajé do povo pitaguary para o título de Notório Saber da Universidade internacional da lusofonia afro-brasileira (Unilab), pajé Barbosa vem desenvolvendo um importante papel no repasse de conhecimento tradicional para o povo pitaguary e para todo o movimento indígena cearense, repassando conhecimentos da espiritualidade e medicina tradicional, atuando como formador de curandeiros em todo o estado, trazendo a questão da saúde mental e dos tratamentos tradicionais para as doenças do corpo e do espírito desde o início da década de 90 até os dias de hoje.

Então sabendo da importância deste pajé para o povo e para o desenvolvimento dos saberes tradicionais e espirituais eu no cargo de liderança do meu povo indico sem nem um contraponto o mesmo para Notório Saber.

JOÃO KENNEDY DE LIMA OLIVEIRA

Assinatura



CONSELHO INDÍGENA TREMEMBÉ DE ITAPIPOCA - CNPJ: 17.324.511/0001-61
TERRA INDÍGENA TREMEMBÉ DA BARRA DO MUNDAÚ – ITAPIPOCA - CEARÁ

CARTA DE RECOMENDAÇÃO

O Conselho Indígena Tremembé de Itapipoca- CITI, no uso de suas atribuições legais recomenda para os devidos fins de direito que Raimundo Carlos da Silva, conhecido como Pajé Barbosa Pitaguary e liderança tradicional do estado, vem ao longo da sua trajetória cultural desenvolvendo um trabalho de reconhecida importância no fortalecimento das lutas pelo território e na necessária transmissão dos conhecimentos tradicionais entre as gerações do povo Pitaguary com repercussão reconhecida em todas as 15 etnias do estado do Ceará. Portanto, o Conselho indígena Tremembé de Itapipoca –CITI representante legal do povo indígena Tremembé da Barra do Mundaú acredita e recomenda o título de Notório Saber da Universidade internacional da lusofonia afro-brasileira (UNILAB) a Pajé Barbosa Pitaguary.

Itapipoca, 06 de junho de 2022.

Cleidiane Castro de Oliveira - CPF: 012.206.293-08
Presidente - CITI



CONSELHO INDÍGENA TREMEMBÉ DE ITAPIPOCA - CNPJ: 17.324.511/0001-61
TERRA INDÍGENA TREMEMBÉ DA BARRA DO MUNDAÚ – ITAPIPOCA - CEARÁ